

A DEMOCRACIA NA ERA GLOBAL: O DESAFIO POPULISTA

Inês Clementina Saraiva Peneda,
ULP

Paulo Afonso Brardo Duarte,
ULP

Resumo/Abstract

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre as sinergias existentes entre democracia e populismo. Tendo por base uma análise qualitativa, procurar-se-á realçar as dinâmicas emergentes a respeito dos conceitos de democracia e de populismo, considerando que mais recentemente este último tem sido alvo de uma crescente reflexão. Daí decorre a questão: poderão as fragilidades do regime democrático ser justificadas pela crescente vaga de populismo nos países ocidentais? A nossa abordagem tem o intuito de perceber qual o valor, a dinâmica e os atores associados à democracia numa sociedade cada vez mais global. Procurar-se-á concluir que no âmbito da emergência do populismo, quer os partidos quer os líderes populistas utilizam as fragilidades dos mecanismos democráticos com vista à sua progressiva ascensão.

This article aims to reflect on the existing synergies between democracy and populism. Based on a qualitative analysis, we will seek to highlight the emerging dynamics underlying the concepts of democracy and populism. Drawing on the observation that the latter has been the object of an increasing momentum nowadays, this article expects to shed light upon the essence captured by the following question: Are the weaknesses of the democratic regime justified by the growing wave of populism in Western countries? Our approach is aimed at realizing the value, dynamics and actors associated with democracy within an increasingly global society. We expect to conclude that in the context of the emergence of populism, both parties and populist leaders use the fragilities of the democratic mechanisms in order to facilitate their gradual ascension.

Palavras-chave/Keywords: Ciência Política. Democracia. Ideologias. Populismo. Globalização.

INTRODUÇÃO

Partindo de uma reflexão descomprometida da democracia e do populismo num contexto cada vez mais global, onde o epíteto "populista" invade a centralidade dos valores democráticos, pretende-se analisar o

impacto e sinergias entre democracia e os desafios populistas. Perante os sinais atuais de retrocesso da democracia (Teixeira, 2019: para. 4), este artigo procura responder à seguinte questão: serão as fragilidades do regime democrático justificadas pelo crescimento da vaga de populismo que se tem vivido nos países ocidentais? Estimamos que o mundo assiste hoje de uma forma eufórica ao “fim da história” de Francis Fukuyama (1992) e a uma passagem para a ansiedade de um “populist zeitgeist” (Mudde, 2004: 542).

No entendimento teórico da Ciência Política, o populismo é, nos dias de hoje, um problema sério (Teixeira, 2018: 81) ainda pouco conceptualizado (Moffitt e Tormey, 2014; Sartori, 1984). Por outro lado, ele não está apenas limitado a meros debates teóricos, configurando, ao invés, uma questão política que coloca em causa o futuro da democracia. Neste sentido, esta é uma matéria de estudo que tem sido alvo de crescente atenção, nomeadamente, por Deiwiks (2009), que considera que a essência do populismo continuará a existir, se não mesmo a intensificar-se. Este autor conclui que para tal contribuem pelo menos dois fatores: a democracia representativa que previsivelmente propicia o populismo, bem como a mediatização da política. Por sua vez, Martinelli (2016) reitera a onipresença do populismo no seio das democracias contemporâneas, por ele desafiadas. Compreende-se que nas duas abordagens, a ideia de populismo está presente, embora não exista uma exploração da sua influência e da sua dinâmica junto dos poderes associados à democracia a uma escala cada vez mais global.

Por conseguinte, procurar-se-á refletir em torno da centralidade, do valor e das dinâmicas inerentes ao populismo, que estando associado aos poderes da democracia, não figuram nas ideias de Deiwiks (2009) nem nas de Martinelli (2016). Com efeito, estes autores não abordam as fronteiras entre a forma de medir ou definir o fenómeno num dado contexto histórico e ideológico. Ciente desta fragilidade, esta proposta visa colmatar as lacunas dos estudos existentes, como o de Dinç (2016), que expressa preocupação face ao impacto crescente e alastrante de outros elementos populistas: a ideologia, os partidos políticos, os líderes e os discursos populistas que se verificam em diferentes áreas do globo, o que significa dizer, da América à Europa e ainda do Médio Oriente à Ásia Oriental.

Do ponto de vista metodológico, a presente análise é permeada pela consulta de livros e artigos de jornais distintos. É, ainda, enriquecida com dados de carácter quantitativo, presentes em dois relatórios publicados por instituições tecnicamente credíveis e politicamente independentes. Com

ênfase na revisão de literatura, bem como através do recurso às fontes primárias acima identificadas, o estudo apresenta um caráter fundamentalmente qualitativo na medida em que pretende compreender factos e ideias. Na verdade, esta análise aproxima-se de uma hermenêutica, ou seja, de uma tentativa de compreensão, largamente inspirada na máxima de Dilthey de que "explicamos a natureza, compreendemos o espírito" (1894: 149).

Com vista a proporcionar uma abordagem esclarecida do tema, a presente análise encontra-se dividida em três partes. Enquanto a primeira aborda o conceito de democracia e sua extensão, a segunda procura definir o populismo e identificar a falta de consenso em torno da sua definição teórica. Por fim, a terceira contextualiza o tema, procurando responder à questão mencionada anteriormente. À guisa de conclusão, é expetável antecipar, desde já, que no contexto da emergência do populismo, quer os partidos quer os líderes populistas utilizam as fragilidades dos mecanismos democráticos com vista à sua progressiva ascensão.

DEMOCRACIA E POPULISMO: UM ENQUADRAMENTO TEÓRICO

A presente secção inicia com um enquadramento teórico de democracia e populismo, com vista a analisar cada um dos fenómenos, tendo em consideração o seu significado e a sua atualidade. Entenda-se que o termo democracia deriva do grego antigo *δημοκρατία*¹, criado a partir dos étimos *δῆμος*² e *κράτος*³ no século V a.C. A democracia é um conceito suscetível de ser analisado de forma simplista pela maior parte das pessoas, ao mesmo tempo que foi e continua a ser alvo de evolução no tempo e espaço. Em suma, a democracia é um conceito em devir. Ela constitui um dos pilares da Ciência Política, tendo em si subjacente a ideia fundamental do governo da maioria, que compreende dois momentos de decisão. Num primeiro momento, as decisões políticas são tomadas pela maioria popular de cidadãos, enquanto num segundo momento, a tomada de decisão democrática estende-se a vastos assuntos de cariz público (Galston, 2018).

Em democracia, os cidadãos detêm o poder de tomar decisões básicas e importantes em relação ao viver em sociedade, exigindo a igualdade entre todos e uma cidadania inclusiva (Galston, 2018). Partindo deste pressuposto,

¹ *Dēmokratía* ou "governo do povo".

² *Demos* ou "povo".

³ *Kratos* ou "poder".

podemos adentrar o pensamento democrático de Bobbio, que no seu conceito de regime democrático apelidou de "significado formal de democracia" a "um conjunto de regras de procedimento para a formação de decisões coletivas em que está prevista e facilitada a participação mais ampla possível dos interessados" (Bobbio, 2009: 22). É a possibilidade de todos os cidadãos terem o direito de existir, independentemente da opinião e dos ideais políticos que os regulam. O mesmo significa dizer, tal como havia proferido Lincoln (1863), que em democracia, a ideologia política surge associada ao governo do povo, pelo povo e para o povo. Assim sendo, não existe democracia sem povo e sem este ter o poder de escolher os seus governantes. Este regime de poder revigora-se com a livre discussão de ideias e com a pluralidade de opiniões.

Durante três décadas a democracia triunfou (Teixeira, 2019) não apenas na prática, mas também como princípio (Galston, 2018). A democracia manifestou-se em todo o globo, foi aceite como a única forma mais legítima de governo. Hoje, o cenário é distinto. Em plena época caracterizada pela globalização, o conceito de democracia deve correlacionar-se numa perspetiva global ao nível da governação, na articulação prática da interação entre eleitos, eleitores e instituições geradoras de condições políticas, económicas, sociais e culturais capazes de assegurar princípios básicos dos Direitos Humanos.

Atualmente, a democracia enfrenta múltiplos desafios – desde a Rússia de Putin, à Turquia de Erdogan, à Venezuela de Maduro e à América de Trump. No contexto europeu, é de realçar a ascensão de populismos e democracias como a Hungria, a Polónia e a Itália. Daí os especialistas considerarem o século XXI como a "era do populismo" (Ikäheimo, 2017: para. 1; Gaspar, 2017: para. 10). À medida que cresce a demanda popular por líderes fortes, os atores políticos em ascensão começam a questionar princípios democrático-liberais fundamentais, como o Estado de Direito, liberdade de imprensa e os direitos das minorias. A porta parece abrir paulatinamente a um regresso às formas de autoritarismo. É, portanto, fundamental combater a procura populista (Gaspar, 2017).

Na tentativa de esboçarmos uma definição de populismo, constatar que o conceito apresenta características múltiplas e nem sempre consensuais (Moffitt e Tormey, 2014). Segundo Mudde, o populismo é uma ideologia política de baixa densidade, centrada em três ideias fundamentais: o povo, a elite e a vontade geral. É mais bem definido como uma *thin – cente*

*ideology*⁴ (Mudde, 2004) que considera a sociedade dividida em dois grupos homogêneos e antagônicos: o povo puro e a elite corrupta (Mudde, 2016).

Comungando de outra perspectiva, Galston sustenta que o populismo não é meramente, como alguns observadores sugerem, uma expressão carregada de emoção e de desapontamento face a interesses económicos especiais, manipulações e receio de ameaças à segurança física e cultural. Ainda que não possua o tipo de base teórica formal ou textos canónicos que definem os grandes "ismos" do século, o populismo tem, segundo Galston, uma estrutura coerente. Resultado de uma literatura vasta, importa filtrar quatro grandes linhas de definição teórica, recorrendo a diferentes autores: a primeira, define o populismo como ideologia (Mudde, 2017); a segunda, como discurso (Wodak, 2016); a terceira, como estratégia (Muller, 2016); e a última como estilo (Moffitt, 2016).

Por ser uma *thin ideology* (Mudde, 2004), o populismo não é autossuficiente, o que leva, por conseguinte, a combinar-se frequentemente com outras ideologias (Teixeira, 2018: 78). Dito por outras palavras, o populismo pode ser de direita ou de esquerda de acordo com a sua combinação ideológica. Embora apliquem o princípio de reunir uma multidão em torno de uma ideia política para moldar um "nós" *versus* um "eles", os conceitos utilizados para definir estas ideologias são distintos (Zabala, 2017:para. 13).

Os populismos de esquerda reveem-se, geralmente, em sentimentos antielitistas onde a força de esquerda surge a favor dos "pobres". O grupo rival é a elite rica de direita que governa de forma alegadamente corrupta e que deve ser combatida em virtude do sofrimento que impinge às massas (Acemoglu, Egorov e Sonin, 2013). De entre os temas recorrentes, saliente-se a vertente progressista, orientada para o futuro, no âmbito da qual se emancipa a liberdade e reforça o papel do Estado como garante da promoção do interesse do todo. É, também, evidente a ambição de articular antagonismos e identidades coletivas de um caminho distinto do dos populistas de direita, ainda que de uma maneira populista (Mouffe, 2013). O populismo é, em geral, de esquerda em países em desenvolvimento ou com a maioria da população pobre, segundo Hawkins, Riding e Mudde (2012: 4).

Por sua vez, o populismo é de direita quando exponencia ideias que defendem a "austeridade fiscal e o capitalismo", de acordo, ainda, com os mesmos autores. Os partidos populistas recapeiam-se para descrever grupos e

⁴ O termo supõe a combinação com uma ideologia compacta que molda os objetivos e métodos de um partido.

partidos políticos conhecidos pela sua posição de apoio à imigração, aos refugiados ou, até mesmo, à globalização. Um exemplo prático a este respeito, consiste no populismo de direita de Donald Trump, expresso na sua campanha *Making America Great Again*, que restringe a identidade nacional do "povo", excluindo imigrantes, refugiados e qualquer outro que se defina como "estrangeiro" (Zabala, 2017: para.14). O populismo é distinto do conservadorismo, embora vários partidos populistas de direita tenham as suas raízes em partidos políticos conservadores, indo ao encontro de valores nacionalistas e/ou patrióticos, o que pode ser favorável à ideia do regresso das fronteiras. O populismo de direita agrada a uma classe média dominante ou influente e surge, igualmente, em contextos abastados ou de opinião pública interveniente.

Enquanto ideologia, o populismo não está necessariamente ligado a políticas económicas do tipo nacionalista. Existem, efetivamente, exemplos de políticos que combinaram políticas neoliberais de desregulamentação e desnacionalização, com uma política social assistencialista herdada do populismo de vertente mais tradicional. Contudo, importa não confundir populismo e nacionalismo. Por um lado, pelo facto de existirem populismos que não constroem etnicamente o povo. Por outro, porque enquanto no etnonacionalismo ou nativismo a distinção básica é entre nativos e estrangeiros, no populismo essa distinção ocorre dentro do mesmo grupo nativo, em que o povo é atraído pelas elites (Zúquete, 2016: 16).

Porém, saliente-se que a causa principal da emergência de ambas é a mesma: a crise de representação nas democracias liberais. Os cidadãos não se sentem representados pelos partidos tradicionais e não consideram que os governos respondam aos seus problemas, aos seus receios e preocupações. Neste sentido, seja de direita ou de esquerda, o populismo tem um efeito negativo sobre os regimes democráticos, e conseqüente risco de erosão democrática (Mounk e Kyle, 2018).

Vários especialistas na temática afirmam que o populismo representa um perigo para a democracia (Sikk, 2009; Muller, 2016; Mounk e Kyle, 2018). Contrariamente ao que os defensores e opositores do populismo preconizam, Mudde (2016) considera que a sua existência não é boa nem má para o sistema democrático. Na prática, o populismo é produto do poder eleitoral e do contexto em que surge, podendo funcionar como ameaça ou como corretivo. Saliente-se que o populismo apoia a soberania popular e a regra da maioria (promoção da democracia eleitoral), mas rejeita o pluralismo e o direito das minorias (inibição da democracia liberal). Sobre esta relação é

importante desmistificar que para os populistas o problema não está na democracia, mas sim no liberalismo, o que pressupõe ser pró-democracia, mas contra a democracia liberal (Mudde, 2016; Mounk, 2018). Esta percepção é, ainda, reforçada por Mounk e Kyle (2018) que, baseando-se em dados globais, analisam o efeito do governo populista em aspetos ligados às instituições democráticas. É possível reconhecer o perigo que o populismo representa para a democracia, na medida em que de acordo com os dados, "os populistas são muito mais propensos a prejudicar a democracia". No geral, os líderes populistas causam um efeito de retrocesso democrático mais significativo (23%), comparado com o dos líderes democraticamente eleitos (6%) (Mounk e Kyle, 2018:4). É, assim, possível reconhecer o perigo que o populismo representa para a democracia e constatar que os movimentos populistas podem provocar o desencanto e desconfiança em relação a este regime político (Mounk e Kyle, 2018), levando os cidadãos a libertar-se das instituições existentes.

Tendo em conta que os temas se interpenetram e dadas as exigências das circunstâncias reais, não podemos deixar de abordar o populismo e a correlação com o "carisma" e os "*media*". Trata-se de realidades multifacetadas, por vezes mal definidas. As pesquisas que se apoiam diretamente na temática populista, encontram-se divididas em duas grandes linhas. Uma delas define o populismo através de uma construção discursiva, da qual emana a divisão entre o povo e a elite (Laclau, 2005). Uma segunda vertente, apoiada em Roberts (1995), entende o populismo como um estilo de condução política, no qual o papel da liderança carismática é posto em evidência e requer um processo de interação entre líder e povo. Colocando o carisma no centro da análise, importa perspetivar o pensamento de Weber (1999) que atribui um sentido mais amplo à dominação carismática, caracterizando-a como um dos elementos mais importantes da ação social. Concomitantemente, o autor aponta como primeira característica do carisma, o livre reconhecimento, por parte dos dominados (povo), das qualidades intrínsecas do líder. Depois, como segundo elemento na relação carismática, Weber destaca a suspensão dos padrões normativos vigentes, dos processos formais bem como das estruturas organizacionais estabelecidas. A relação carismática destitui o passado, sendo, nesse sentido, especificamente revolucionária (Weber, 1991). O carisma faz parte da vida social da política e é, simultaneamente, "a grande força revolucionária nas épocas com forte vinculação à tradição [...]" (Weber, 1991:161). A ascensão do líder carismático, enquanto força desagregadora do sistema, é condicionada por

elementos presentes na cultura e, no plano social, tem o seu elemento detonador em momentos de crise (Sell, 2013:35).

Importa, pois, interligar populismo e carisma no que concerne à sua gênese e relevância. Para o efeito, recorreremos, uma vez mais, ao pensamento weberiano (Weber, 1982, 1991), seguindo duas vias. Na primeira, o carisma é apenas uma dimensão do populismo. Isto significa que o segundo termo é dominante em relação ao primeiro, uma vez que sugere o "carisma" como parte do "populismo". Esta ideia alicerça-se em cinco elementos: estilo pessoal de liderança política; coalização política heterogênea focalizada em grupos marginalizados; processo de mobilização política ascendente; projetos económicos redistributivos; ideologia política focada na divisão povo versus elite (Roberts, 1995). Na segunda via, surge a hipótese de uma teoria de populismo como forma específica de manifestação histórica e política do carisma, ou seja, uma sociologia do populismo como subtipo da dominação carismática. Quer isto dizer, uma sociologia da dominação carismática do tipo populista.

Em suma, na sua dimensão geral, o populismo pertence à dominação carismática, mas possui a particularidade de constituir um subtipo caracterizado pela relação entre a liderança carismática e o povo. É nesta dupla dimensão que interliga carismaticamente liderança e liderados, constituídos enquanto povo, que podemos definir o carácter do populismo enquanto fenómeno político (Sell, 2013). À semelhança de outras abordagens sobre a temática, o populismo exalta o líder carismático. Não há populismo sem a figura do homem providencial que resolverá os problemas do povo (Krauze, 2006), ou seja, o líder carismático aparece como persuasor dos seus liderados, de onde advém a importância do carisma do líder populista.

A conceção do populismo enquanto ideologia articulada discursivamente por atores políticos e atores dos *media* confere unidade à literatura existente ao nível da ciência política e da comunicação (Aalberg et al, 2016). No dealbar do século XXI, emergiram novas tendências que têm contribuído para que os *media* se tornem cada vez mais generalistas, sensacionalistas e populistas, privilegiando o pacto das emoções e do espetáculo-escândalo. Castells (2011) enfatiza o papel dos *media* no aumento do impacto dos escândalos. É um facto que sem os *media* não há escândalo (Castells, 2011). Esta mudança é impulsionada pelo processo de mediatização da política e da crescente reinvenção/adaptação da lógica política à lógica dos *media* (Esser; Strömbäck; Marcinkowski, 2014; Figueiras, 2017).

Começemos por dar ênfase ao processo de mediatização da política. Segundo Araújo; Cardoso e Espanha (2009:5), "a mediação é, hoje, um aspeto fundamental nas nossas vidas e na nossa busca de ordem e sentido para a vida", assim como "um elemento da nossa luta constante pelo poder e pelo controlo sobre o simbólico e o material, quer no espaço quer no tempo". A mudança de mediação tem sido, ao longo dos últimos anos, o cerne da análise de muitos cientistas sociais. Sublinhe-se, para o efeito, a premência da teoria social global da Idade da Informação, desenvolvida por Manuel Castells (2000). O trabalho deste autor é essencial, uma vez que nos permite identificar duas dimensões importantes para a compreensão dos *media* na atualidade: a organização da sociedade em rede e o processo de autocomunicação de massa (Castells, 2007). Falamos, principalmente, de uma mudança de paradigma. Mais do que um sistema fragmentado e pós-moderno, Castells concebe o mundo da internet enquanto configuração alinhada a uma nova perspetiva de equilíbrio, no âmbito da qual a "rede" constitui a estrutura principal. Contudo, existem outros pontos de vista que vão mais além, no que respeita a formas possíveis de utilização dos *media* no seio dos processos democráticos, seja por meio do seu uso controlado com fins autoritários; pelo desenvolvimento de uma sociedade governada por "tecnocratas"; pela possibilidade do exercício da democracia direta com consequente diminuição do papel do Estado; ou, ainda, pelo provável desenvolvimento de formas deliberativas da democracia. O que se constata é que a mediatização da política pode ser atribuída a uma introdução de novas regras mediáticas a somar a outras regras políticas já existentes (Figueiras, 2017).

A crescente perceção junto dos cientistas políticos de que o discurso se apresenta crucial para a compreensão do populismo (Laclau 2005; Jagers e Walgrave 2007; Pauwels 2011; Rooduijn et al. 2014, Aslanidis, 2016; Moffitt 2016), leva-nos a tentar entender a posição dos populistas face à comunicação e à interação com os *media* (Aalberg et al, 2016). O foco altera-se se tivermos em consideração que o populismo é um fenómeno de comunicação propício à comunicação populista, possibilitando a identificação de três atores principais: os partidos políticos, os *media* e os cidadãos (Aalberg e Vreese, 2017).

Na continuidade deste tema, podemos dizer que os partidos populistas são mais dependentes dos *media* para a comunicação, porque têm uma organização partidária mais fraca em comparação com os partidos tradicionais (Aalberg et al, 2016). Frequentemente, os atores políticos que

usam a comunicação populista, recorrem aos *media* para difundir certas mensagens específicas. Esta mesma ideia é consubstanciada por Rooduijn que entende o populismo como “uma característica de uma mensagem específica, e não uma característica de um ator que envia essa mensagem” (2014: 3). Por sua vez, Mazzoleni afirma que “os *media*, intencionalmente ou não, podem servir como poderosas ferramentas de mobilização para causas populistas” (2008: 50). Em alguns casos, subjaz a visão de que atores políticos como Wilders, na Holanda, e Trump, nos Estados Unidos, obtiveram grande sucesso usando os *media* sociais, não apenas para ignorar os *media* convencionais, mas, também, talvez ainda mais importante, para definir a agenda dos *media* convencionais (Karpf, 2017).

Pesquisas recentes permitem inferir que a ideologia populista pode ser encontrada não apenas no espectro entre atores políticos, mas também entre os cidadãos (Akkerman, Mudde e Zaslove, 2014; Rooduijn, 2014; Elchardus e Spruyt, 2015). Os cidadãos são atores nas interações comunicativas, por exemplo, expressando-se em relação à cobertura das notícias (Esser et al, 2017). Os cidadãos, enquanto consumidores dos *media*, levantam a preocupação do risco do aumento do relativismo, no âmbito do qual as informações factuais passam a ser vistas como uma questão de opinião, as evidências são negligenciadas e as teorias da conspiração prosperam (Van Aelst et al, 2017).

Comungando da ideia de que o populismo é um fenómeno global comum à maioria dos países democráticos, as questões que tratam dos atores populistas como comunicadores, o impacto das estratégias de comunicação populista nos cidadãos (Aalberg et al, 2017), bem como as implicações para diferentes tipos de populismos através dos *media*, ainda carecem da devida atenção (Groshek e Koc-Michalska, 2017). Provavelmente, será matéria que deverá receber mais atenção à medida que nos confrontamos com um espaço mediático cada vez mais híbrido, no qual a política, os *media*, a tecnologia e os cidadãos estão em mutação (Van Aelst et al, 2017). De facto, o populismo encaixa particularmente nos contornos da nova galáxia dos *media* (Keane, 2013). Po conseguinte, Moffitt conclui que “os *media* não podem mais ser tratados como uma ‘questão paralela’ quando se trata de entender o populismo contemporâneo. Deve ser colocado no centro de nossa análise [...]” (2016: 94). Neste sentido, não devemos apenas incluir, mas focar-nos, além disso, nos aspetos comunicativos do populismo com o intuito de entender melhor uma das características da política contemporânea (Aalberg et al, 2017).

METAMORFOSES DA DEMOCRACIA ATUAL: OS PONTOS CRÍTICOS

Hoje mais do que nunca, importa não menosprezar as fragilidades do regime democrático. Por isso, é importante abordar essas fragilidades sem as hierarquizar. Vivemos numa sociedade ocidental que acredita que sedimentou e aperfeiçoou definitivamente o conceito e o modelo de democracia (Jordão, 2017). Atualmente, as fraquezas das democracias liberais estão a tornar-se cada vez mais transparentes (Moyo, 2018), sendo que as principais regiões e países do mundo estão a passar por um retrocesso no liberalismo democrático (Taussig e Jones, 2018; Teixeira, 2018). Numa recente revisão de literatura, Lust e Waldner (2015) concluem que há muito trabalho a realizar para atingir um entendimento completo do retrocesso e das condições que o promovem. Há, ainda, especialistas que consideram que a democracia está em crise (Berman, 2017; Grayling, 2017), o que é visível por meio de crescentes movimentos nacionalistas e populistas da esquerda e da direita do espectro ideológico (Taussig e Jones, 2018). Assim, o debate acerca da crise da democracia tornou-se recentemente um dos tópicos mais controversos na literatura de democratização (Castaldo, 2018).

Numa escala global, os estudos sobre a força da democracia em todo o mundo mostram resultados preocupantes (Freedom House, 2018; Taussig e Jones, 2018). Recentemente, dois relatórios publicados por instituições tecnicamente credíveis e politicamente independentes confirmam que é difícil negar que o populismo coloca a democracia sob pressão (Kyle e Gultchin, 2018) por meio dos seus atores populistas, sobretudo neste espectro de crise da democracia a nível global. O Projeto Variedades da Democracia (V.Dem), o maior banco de dados do mundo sobre indicadores democráticos, conclui que mais países sofreram retrocessos democráticos do que melhorias nos últimos cinco anos, indicando que podemos estar à beira de uma recessão democrática global (Taussig e Jones, 2018). Esta convicção também é sustentada pelo relatório anual sobre direitos políticos e liberdades civis divulgados pela Freedom House. Publicado no ano de 2018, *Freedom in the World 2018: Democracy in Crisis* em 2017, demonstra que a liberdade global registou, pelo 12.º ano consecutivo, uma queda. A democracia declinou em todo o mundo, constatando-se que países que enfrentam reveses nos direitos políticos e nas liberdades civis são muito superiores aos que demonstram melhorias (Abramowitz e Willkie, 2018). Saliente-se que 71 países sofreram "claros declínios" e apenas 35 registaram avanços. Dos 195 países avaliados

neste estudo, 88 (45%) foram classificados como "livres", 58 (30%) como "parcialmente livres" e 49 (25%) como "não livres" (Teixeira, 2018: 76).

Os Estados democráticos poderosos e avançados são essenciais para estas estatísticas. Por exemplo, os EUA, que geraram alguns dos mais vibrantes e intemporais conceitos e passos na formação democrática (Jordão, 2018), estão a retirar-se do seu compromisso de apoiar e exemplificar os padrões democráticos (Freedom House, 2018; Taussig e Jones, 2018), abdicando do seu papel tradicional de liderança e exacerbando o sentimento de crise (Abramowitz e Willkie, 2018; Freedom House, 2018). Assim, a retirada dos EUA da liderança global, juntamente com a protuberância do pautar do discurso e das atitudes populistas do atual presidente Donald Trump, levanta sérias preocupações sobre o futuro próximo (Abramowitz e Willkie, 2018). Note-se que Donald Trump já procurou recorrer a muitas das estratégias que outros populistas em todo o mundo têm utilizado para enfraquecer a sua própria democracia e instituições (Mounk e Kyle, 2018).

Por sua vez, também se tem verificado um declínio significativo no espetro europeu, em resultado, em parte das eleições ao longo de 2017 e 2018, que levaram os partidos populistas de direita a ganhar votos e, conseqüentemente, à atribuição de assentos parlamentares em países como a França, Holanda, Alemanha, Áustria e Itália (Taussig e Jones, 2018). Esta onda de populismo de direita é mais evidente em países como a Hungria e a Polónia, destacando-se por serem dois exemplos de uma transição pós-comunista bem-sucedida e que, atualmente, se encontram no campo de estados iliberais que tratam o Estado de Direito e a liberdade de imprensa com desdém (Abramowitz e Willkie, 2018; Taussig e Jones, 2018). Perante esta análise de crescente importância, convém permear o ponto de vista de Carothers (2015), que defende que as dificuldades da democracia nos EUA e na Europa prejudicam muito a perceção da democracia à escala mundial. Por conseguinte, torna-se imperativo ter presente que os inimigos da democracia estão a ganhar força à medida que os governos dos EUA se afastam da luta (Abramowitz e Willkie, 2018).

Talvez o cenário mais preocupante, seja mesmo no Ocidente, onde há muito que a democracia liberal tem sido dada como certa. Fortemente atacada por populistas, é impressionante a maré de apoio popular a partidos e candidatos desse espetro político em todas as regiões, o que choca os observadores (Berman, 2017; Taussig e Jones, 2017). Ao mesmo tempo, os cidadãos perdem a confiança nos mediadores tradicionais da política, como os principais partidos políticos, especialistas em políticas, jornais, sindicatos

(Taussig e Jones, 2018; Maduro, 2019). Ainda que a ser verdade que a crise de confiança não tem de gerar necessariamente o colapso de um regime democrático, ou, até mesmo, uma transição para o autoritarismo, a crise de confiança é claramente um desenvolvimento negativo (Schmitter, 2016). Portanto, há razões para acreditar que os movimentos populistas podem, a longo prazo, aprofundar o desencanto e a desconfiança em relação à política, aos partidos e à democracia, levando a que os cidadãos se tornem menos propensos a respeitar as regras informais e as normas legais deste tipo de regime político (Schmitter, 2016; Mounk e Kyle, 2018). Estes sinais de descontentamento democrático geram amplo apoio popular aos partidos populistas. Estes apresentam-se como defensores do povo e do cidadão contra as elites (Cancela; Pereira e Sanches, 2019) e lançam nas instituições um forte ataque à soberania do popular (Kyle e Gultchin, 2018). Portanto, tanto os partidos populistas de direita como os de esquerda vêm assumindo o controle de questões importantes das elites (Taussig e Jones, 2018). Destaque-se o apelo do europeísta Ivan Krastev (2017) que defende que os partidos populistas atraem aqueles que veem a separação de poderes (a instituição talvez a mais amada pelos liberais) não como uma maneira de manter os responsáveis no poder, mas como forma de as elites escaparem às suas promessas eleitorais.

Lutar contra os problemas contemporâneos da democracia exige, portanto, encontrar maneiras de tornar as instituições políticas tradicionais mais *responsive* e mais *accountable* (Berman, 2017; Teixeira, 2018), bem como de melhorar a qualidade e credibilidade dos líderes políticos (Moyo, 2018). Caso contrário, o apelo do populismo aumentará. A democracia genuína tem de ser muito mais profunda, pura e alicerçada nos cidadãos, que constituem a inalienável base deste conceito e da sociedade (Jordão, 2018).

CONCLUSÃO

A nossa análise reflexiva sobre os conceitos de democracia e populismo, na qual incluímos as temáticas do carisma e dos media, permite-nos perceber que as fragilidades do regime democrático têm implicações. Ilustrativo a este respeito, é a crescente vaga de populismo, sobretudo nos países ocidentais. Sendo um fenómeno recente, o conceito de populismo (ainda) não reúne consenso em torno da sua definição teórica.

A relação do populismo com a democracia é simultaneamente entusiasta e inimiga. Quanto a esta relação, demonstrámos que é importante

desmistificar que o cerne do problema não reside na democracia, mas sim no liberalismo. É possível reconhecer que a democracia liberal é frágil e constantemente ameaçada pelos atuais sintomas de crise e de descontentamento que lhe são inerentes. Tal situação pode despoletar a crescente ascensão do populismo, suscetível de colocar em causa os valores tradicionais.

A abordagem sociológica da teoria Weberiana proporcionou-nos uma perspetiva mais global acerca do populismo, enquanto junção de carisma e povo. É nesta dupla dimensão que se interligam, carismaticamente liderança e liderados, constituídos enquanto povo. Neste sentido, a dimensão carismática tende a definir o caráter do populismo enquanto fenómeno político.

Hoje em dia, assistimos a mudanças nas práticas políticas, influenciadas pela vaga de técnicas de comunicação. No âmbito da atividade dos *media*, estes potenciam que se dissemine o discurso, de forma exponencial. Neste sentido, o discurso afigura-se crucial para a compreensão do populismo e ajuda-nos a entender a posição dos populistas face à comunicação. O foco altera-se quando, na ótica da mediação, tomamos em consideração que o populismo é também um fenómeno de comunicação.

Por fim, este artigo ousou contribuir para a reflexão do populismo enquanto problema sério, ao invés de mera questão teórica ou passageira. Todas as temáticas por nós abordadas demonstram o impacto direto deste fenómeno, criando condições para uma nova produção de pesquisas acerca do assunto, sem menosprezar as imperfeições e tensões da democracia.

No âmbito das nossas conclusões, refira-se que o populismo é um fenómeno real que proporciona uma nova geração de pesquisas em seu entorno. Com o forte descontentamento vivido à escala global, a literatura ainda não é suficientemente esclarecedora acerca do impacto negativo que, quer os partidos, quer os líderes populistas possuem junto dos poderes da democracia. Dito isto, a questão por nós analisada, permitiu-nos inferir que a força motriz da política populista são as fragilidades do regime democrático.

Retiremos ainda outras conclusões. A primeira tem que ver com a concetualização do populismo, sendo inexistente uma definição teórica a respeito daquele. A segunda é que este fenómeno vive de certas circunstâncias da democracia e, geralmente, é apontado como uma das suas fragilidades. A terceira desperta para a questão das ideologias populistas, pois o populismo tanto é de direita, como de esquerda, sendo que muitas vezes surge associado a partidos extremistas. Por fim, tanto o carisma como

os *media* constituem instrumentos potenciadores da sua progressiva afirmação, infantizando-se assim, os temas da liderança-carismática e da mediação política.

É preciso permear uma exploração que fundamente a influência e a dinâmica do populismo junto dos poderes associados à democracia a uma escala cada vez mais global, identificando e abordando as tensões e fragilidades das instituições democráticas. Ao longo deste artigo, verificámos que existe uma forte ligação entre a ascensão do populismo e o aumento do retrocesso democrático. Por conseguinte, a exploração futura desta temática é pertinente para desfazer equívocos, denunciar fraudes e potenciar, através da livre discussão de ideias, uma alternativa capaz e direcionada para os desafios atuais. Uma certeza, no entanto, ainda persiste: o populismo jamais será sinónimo de democracia.

REFERÊNCIAS

Aalberg T., Esser F., Reinemann C., Stromback J. and De Vreese C. (2016). *Populist Political Communication in Europe*, Routledge, Abingdon.

Aalberg, Toril, e Claes H. de Vreese. (2017). Comprehending Populist Political Communication, In *Populist Political Communication in Europe*, ed. Toril Aalberg, Frank Esser, Carsten Reinemann, Jesper Strömbäck and Claes H. de Vreese, 3–11. New York: Routledge.

Abramowitz, M. (2018). *Democracy in Crisis*. Disponível em: https://freedomhouse.org/sites/default/files/FH_FITW_Report_2018_Final_SinglePage.pdf [Acesso a 15 de agosto de 2019].

Abramowitz, M. e Willkie II, W. (2018). We looked at the state of democracy around the world, and the results are grim. *The Washington Post*. [online] Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/democracy-post/wp/2018/01/17/we-looked-at-the-state-of-democracy-around-the-world-and-the-results-are-grim/?noredirect=on> [Acesso a 22 de julho de 2019].

Acemoglu, D., Egorov, G. e Sonin, K. (2013). A Political Theory of Populism. *The Quarterly Journal of Economics*, 128(2):771-805.

Akkerman Agnes., Mudde Cas. e Zaslove Andrej. (2014). "How Populist Are The People? Measuring Populist Attitudes in Voters". *Comparative Political Studies*, 47(9): 1324-1353.

Araújo, Vera., Cardoso, G. e Espanha, R. (2009). *Da Comunicação de Massa à Comunicação em Rede*. Porto: Porto Editora.

Aslanidis, Paris. (2016). *Is Populism an Ideology? A Refutation and a New Perspective*. *Political Studies*, 64 (1): 88–104. doi:[10.1111/1467-9248.12224](https://doi.org/10.1111/1467-9248.12224).

Bailly, A. (1935). In: *Dictionnaire Grec-Français*. [online] Paris: Hachette. Available at: <https://archive.org/details/BaillyDictionnaireGrecFrancais/page/n2> [Acesso a 4 de setembro de 2019].

Berman, S. (2017). Populism Is a Problem. Elitist Technocrats Aren't the Solution. *Foreign Policy*. [online] Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2017/12/20/populism-is-a-problem-elitist-technocrats-arent-the-solution/> [Acesso a 22 de agosto de 2019].

Bobbio, N. (2009). *O futuro da democracia: uma defesa das regras do jogo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Carothers, T. (2015). Democracy Aid at 25: Time to Choose. *Journal of Democracy* 26(1), 59-73. Johns Hopkins University Press. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/> [Acesso a 22 de julho de 2019].

Castaldo, A. (2018). A crise da democracia: uma revisão seletiva do debate acadêmico atual. *R/I*, [online] n.º 59, p.009. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/37669/1/ICS_ACastaldo_Crise.pdf [Acesso a 6 de setembro de 2019].

Castells, M. (2000). *The Rise of the Network Society*. Oxford: Blackwell.

Castells, M. (2007). *Communication, Power and Counter-power in the Network Society*. *International Journal of Communication*, 1, 238-266. Disponível em: <https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/46/35%3e>.

Castells, M. (2011). *Comunicación y Poder*. Madrid: Alianza Editorial.

Deiwiks, C. (2009). "Populism". *Living Reviews in Democracy, Center for Comparative and International Studies*. [online] ETH Zurich. Disponível em: https://ethz.ch/content/dam/ethz/special-interest/gess/cis/cis-dam/CIS_DAM_2015/WorkingPapers/Living_Reviews_Democracy/Deiwiks.PDF [Acesso a 18 de julho de 2019].

Dilthey, W. (1894). Ideias acerca de uma Psicologia Descritiva e Analítica (1894), in *Le Monde de L'Esprit*, I, trad. de M. Remy, Paris, Aubier, 1947.

Dinç, P. (2016). *Mapping Populism: Definitions, Cases, and Challenges to Democracy*. [ebook]. Disponível online: https://ipc.sabanciuniv.edu/wp-content/uploads/2016/10/IPM_MappingPopulismReport_28.10.16_web.pdf [Acesso a 8 de agosto de 2019].

Elchardus, M., & Spruyt, B. "Populism, persistent republicanism and declinism. An empirical analysis of populism as a thin ideology. *Government and Opposition*, 48: 1-23.

Felgueiras, R. (2017). *A Mediatização da Política na Era das Redes Sociais*. Alêtheia Editores.

Fukuyama, F. (1992). *The End of History and the Last Man*. Nova York: Avon Books.

Galston, W. (2019). *The populist challenge to liberal democracy*. [online] Brookings. Disponível em: <https://www.brookings.edu/research/the-populist-challenge-to-liberal-democracy/> [Acesso a 14 de agosto de 2019].

Gaspar, J. (2017). A era do populismo. *Visão*. [online] Disponível em: <http://visao.sapo.pt/actualidade/sociedade/2017-03-13-A-era-do-populismo> [Acesso em 20 de agosto de 2019].

Grayling, A. (2017). *Democracy and Its Crisis*. London, United Kingdom: Oneworld Publications.

Groshek, J., & Koc-Michalska, K. (2017). "Helping populismo win? Social media use, filter bubbles, and support for populist presidential candidates in the 2016 US election campaign. *Information, Communication & Society*, 20(9):1389-1407. doi: 10.1080/1369118X.2017.1329334.

Hawkins, K., Riding, S. e Mudde, C. (2012). *Measuring Populist Attitudes*. [online] Concepts-methods.org. Disponível em: http://www.concepts-methods.org/Files/WorkingPaper/PC_55_Hawkins_Riding_Mudde.pdf [Acesso a 30 de agosto de 2019].

Ikäheimo, H. (2017). *The era of populism – seasonal fluctuation or permanent change?* - Sitra. [online] Sitra. Disponível em: <https://www.sitra.fi/en/articles/era-populism-seasonal-fluctuation-permanent-change/> [Acesso a 21 de agosto de 2019].

Jagers, Jan. e Walgrave, Stefaan. (2007). *Populism as Political Communication Style: An Empirical Study of Political Parties' Discourse in Belgium*, *European Journal of Political Research*, 46 (3): 319-45. doi:10.1111/j.1475-6765.2006.00690.x.

Jordão, P. (2017). Trump e as fragilidades da democracia. *Público*. [online] Disponível em: <https://www.publico.pt/2017/09/26/mundo/opiniao/trump-e-as-fragilidades-da-democracia-1786616> [Acesso a 5 de agosto de 2019].

Kaltwasser, Cristóbal R., Taggart, Paul A., Espejo, Paulina O., Ostiguy, Pierre. (2017). *The Oxford Handbook of Populism*. Oxford: Oxford University Press.

Karpf, David. (2017). *Digital Politics after Trump*. *Annals of the International Communication Association*, 41 (2): 198-207. doi:10.1080/23808985.2017.1316675.

Keane, John. (2013). *Democracy and Media Decadence*. New York: Cambridge University Press.

Krauze, E. (2016). "A Praga do Populismo". In O Estado de São Paulo. Disponível online: <http://dagobah.com.br/a-praga-do-populismo/> [Acesso a 8 de agosto de 2019].

Krastev, I. (2017). *After Europe*. 5th ed. University of Pennsylvania Press.

Kyle, J. e Gultchin, L. (2018). *Populists in Power Around the World*. [online] Institute.global. Disponível em: <https://institute.global/sites/default/files/articles/Populists-in-Power-Around-the-World-.pdf> [Acesso a 1 de setembro de 2019].

Kyle, J. e Mounk, Y. (2018). *The Populist Harm to Democracy: An Empirical Assessment*. [online] Institute.global. Disponível em: <https://institute.global/sites/default/files/articles/The-Populist-Harm-to-Democracy-An-Empirical-Assessment.pdf> [Acesso a 1 de setembro de 2019].

Lacau, Ernesto. (2005). *On Populist Reason*. London: Verso.

Lincoln, A. (1863). In O Portal da História. Disponível online: <http://www.arqnet.pt/portal/discursos/novembro01.html> [Acesso a 8 de agosto de 2019].

Lust, E., and Waldner, D. (2015). "Unwelcome Change: Understanding, Evaluating, and Extending Theories of Democratic Backsliding". USAID Research and Innovation Grants Working Papers Series.

Marcinkowski, F. (2014). *Mediatization of politics: reflections on the state of the concept*. Javnost, Ljubljana, v. 21, n. 2, p. 5-22. doi: 10.1080/13183222.2014.11009142.

Martinelli, A. (2016). *Populism and the Crisis of Representative Democracy*. In *Populism on the Rise: Democracies Under Challenge?*. [online] Ispionline.it. Disponível em: https://www.ispionline.it/sites/default/files/pubblicazioni/report_populism_2016_0_0.pdf [Acesso a 6 de agosto de 2019].

Mazzoleni, Gianpietro. (2008). *Populism and the Media In Twenty-First Century Populism: The Spectre of Western European Democracy*, ed. Albertazzi, Daniele, McDonnell, Duncan, 49–64. Basingstoke: Palgrave Macmillan.

Moffit, B., and Tormey, S. (2014). "Rethinking Populism: Politics, Mediatisation and Political Style". *Political Studies*, 62: 381-397.

Moffitt, Benjamin. (2016). *The Global Rise of Populism: Performance, Political Style and Representation*. Stanford: Stanford University Press.

Mouffe, Chantal. (2013). *Agonistics: Thinking the World Politically*. London: Verso.

Mounk, Yascha. (2018). *The People vs. Democracy. Why Our Freedom Is on Danger and how to Save It*. Cambridge: Harvard University Press.

Moyo, D. (2018). Across the world, democracy is in crisis. Here's my plan to save it. *The Guardian*. [online] Disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2018/may/02/democracy-crisis-plan-trump-brexite-system-politicians-voters> [Acesso a 15 de julho de 2019].

Mudde, Cas. (2004). *The populist zeitgeist*. Government and Opposition, 9 (4):442-563.

Mudde, C. (2016). " Europe's Populist Surge: A long time in the making". In Foreign affairs (Council on Foreign Relations). Disponível em: [file:///C:/Users/luisa/Downloads/Cas%20Mudde%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/luisa/Downloads/Cas%20Mudde%20(1).pdf) [Acesso a 15 de julho de 2019].

Mudde, Cas. e Kaltwasser, Cristóbal Rovira. (2017). *Populism: A Very Short Introduction*. Nova York: Oxford University Press.

Mudde, C. (2019). *Populist Radical Right Parties in Europe Today*. [online] Ucg.ac.me. Disponível em: https://www.ucg.ac.me/skladiste/blog_19850/objava_25030/fajlovi/Populist%20radical%20right%20Europe.pdf [Acesso a 9 de agosto de 2019].

Müller, Jan-Werner. (2016). *What is Populism*. Filadélfia: University of Pennsylvania Press.

Pauwels, Teun. (2011). *Measuring Populism: A Quantitative Text Analysis of Party Literature in Belgium*. *Journal of Elections, Public Opinion and Parties*, 21 (1): 97–119. doi:10.1080/17457289.2011.539483.

Poiares Maduro, M. (2019). A democracia em crise. *JN*. [online] Disponível em: <https://www.jn.pt/opiniao/miguel-poiares-maduro/interior/a-democracia-em-crise-11234592.html> [Acesso a 31 de agosto de 2019].

Roberts, K. (1995). *Neoliberalism and the Transformation of Populism in Latin America*. The Peruvian case. *World Politics*, 48: 82-116.

Rooduijn, M. (2014). "Vox populimus, a populist radical right attitude among the public. *Nations and Nationalism*, 20(1): 80-92.

Rooduijn, Matthijs, de Lange, Sarah L., van der Brug, Wouter. (2014). *A Populist Zeitgeist? Programmatic Contagion by Populist Parties in Western Europe*, *Party Politics*, 20 (4): 563–75. doi:10.1177/1354068811436065.

Santana Pereira, J., Cancela, J. e Rodrigues Sanches, E. (2019). *Instituições e qualidade da democracia: Cultura política na Europa do Sul*. Fundação Francisco Manuel dos Santos e Tiago Fernandes.

Sartori, G. (1984). *Social Science Concepts: A Systematic Analysis*. Beverly Hills: Sage Publications.

Schmitter, P.C. (2016). *Democracy and its Discontents*, Manuscript, European University Institute.

Sell, C. (2013). *A Liderança Carismática: sobre o caráter político do populismo*. [online] Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/309573076_Parties_and_Populism [Acesso a 9 de agosto de 2019].

Severiano Teixeira, N. (2018). Três reflexões inacabadas sobre populismo e democracia. *R/I*, [online] n.º 59, pp.70-81. Disponível em:

http://www.ipri.pt/images/publicacoes/revista_ri/pdf/ri59/RI_59_art06_NST.pdf [Acesso a 1 de setembro de 2019].

Severiano Teixeira, N. (2019). Em defesa da democracia. *Público*, [online] p.para: Disponível em: <https://www.publico.pt/2019/07/31/mundo/opiniaao/defesa-democracia-1881737> [Acesso a 12 de agosto de 2019].

Sikk, Allan. (2009). *Parties and Populism*. [online] CEPSI – Centre for European Politics, Security & Integration, UCL School of Slavonic and East European Studies. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/309573076_Parties_and_Populism [Acesso a 10 de agosto de 2019].

Taussig, T. e Jones, B. (2018). *Democracy in the new geopolitics*. [online] Brookings. Disponível em: <https://www.brookings.edu/blog/order-from-chaos/2018/03/22/democracy-in-the-new-geopolitics/> [Acesso a 18 de julho de 2019].

Van Aelst, Peter., Strömbäck, Jesper., Aalberg, Toril., Esser, Frank., de Vreese Claes, H., Matthes, Jörg., Hopmann, David., Salgado, Susana., Hubé, Nicolas., Stępińska, Agnieszka., Papathanassopoulos, Stylianos., Berganza, Rosa., Legnante, Guido., Reinemann, Carsten., Sheaffer, Tamir., Stanyer, James. (2017). "Political Communication in a High-Choice Media Environment: A challenge for Democracy?" *Annals of the International Communication Association* 41 (1): 3–27. doi:10.1080/23808985.2017.1288551.

Weber, Max. (1982). *A política como vocação. Ensaio de Sociologia*. 4.ª edição. Rio de Janeiro: Guanabara.

Weber, Max. (1991). *Economia e sociedade*. Brasília: Ed. UnB, (vol. 1).

Weber, Max. (1999). *Economia e sociedade: fundamentos de sociologia compreensiva*. Brasília: Unb, vol .2.

Wodak, Ruth. (2016). *The Politics of Fear: What Right-wing Populist Discourse Mean*. Washington, DC: Sage.

Zabala, S. (2017). *The difference between right and left-wing populism*.
[online] Aljazeera.com. Disponível em:
<https://www.aljazeera.com/indepth/opinion/2017/01/difference-left-wing-populism-170112162814894.html> [Acesso a 29 de agosto de 2019].

Zúquete, J. (2016). *Era uma vez o populismo...* [online] Scielo.mec.pt.
Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/ri/n50/n50a02.pdf> [Acesso a 20 de agosto de 2019].